

UM ENSAIO SOCIOLÓGICO A RESPEITO DO FILME ESCRITORES DA LIBERDADE

Fernando dos Anjos Souza¹

RESUMO

Este ensaio foi elaborado de maneira coletiva, a partir dos debates suscitados pelo filme “Escritores da Liberdade”, exibido em uma das aulas da disciplina Sociologia Geral e da Educação. É resultado dos apontamentos feitos em sala e da pesquisa bibliográfica sobre alguns temas fundamentais da Sociologia, como: agentes concretos e mecanismos do processo de socialização. Tais aspectos são relacionados com cenas, personagens e sequências do filme, ambientado em uma escola do ensino médio de *Long Beach* (EUA), mostrando o desenvolvimento profissional da professora e de alunos, assim como o processo de socialização que ocorreu no espaço temporal do filme.

Palavras - chave: família; sociologia educacional; escola; relações sociais; processos sociais.

A SOCIOLOGICAL ESSAY ABOUT THE MOVIE “FREEDOM WRITERS

ABSTRACT

This essay was prepared, collectively, from the debates raised by the movie “Freedom Writers”, displayed in one of the classes of discipline General Sociology and Education. Is a result of notes made in room and bibliographical research on some fundamental questions of Sociology, such as: concrete agents and mechanisms of the socialization process. Such aspects are related scenes, characters and sequences of the film, set in a high school of Long Beach (USA), showing the professional development of the teacher and students, as well as the socialization process that occurred in the timeline of the movie.

Keywords: family; Educational Sociology; school; social relations; social processes

¹ Mestre em Educação pela UFGD.
E-mail: ferasouza@uol.com.br

APRESENTAÇÃO

O filme *Escritores da Liberdade*² é ambientado em uma escola de ensino médio de *Long Beach* (Costa Oeste, próxima de *Los Angeles, Hollywood* e fronteira com o México), a *High ScholWoodrom Wilson*. Filmado em 2007, o roteiro segue fatos reais narrados no livro *The FreedomWritersDiaries* (O Diário dos Escritores da Liberdade).

O filme narra a história de uma professora, Erin Gruwell, novata na profissão, representada por Hilary Swank, como personagem principal. Mostrada como idealista, de família da classe alta, admitida para lecionar inglês e literatura, a professora Erin foi designada para ministrar aulas em uma turma problemática. Alguns de seus alunos foram vítimas de agressões físicas ou psicológicas, até mesmo por parte de familiares. Outros eram membros de gangues e cumpriam penas por delitos.

Os alunos, adolescentes criados no meio de tiroteios e agressividade, são isolados e discriminados pela escola, por serem oriundos de um programa de integração social, aprovado e posto em execução pelo Estado. Além disso, enfrentam separações e conflitos em seus relacionamentos internos, formando gangues diferentes, reunidos por identidades étnicas. Tudo isso contribuía para um péssimo desempenho escolar da turma, com o processo de aprendizagem quase nulo, sem perspectivas de melhoria.

² *Escritores da liberdade (FreedomWriters)*, tem a **direção e roteiro** de Richard La Gravenese, **foi baseado no livro** de Erin Gruwell. Produzido em 2007 na Alemanha e Estados Unidos, e distribuído pela Distribuidora Paramount Pictures. O filme é colorido e foi utilizada a versão legendado, com 123 minutos de duração.

Para esse ambiente, a professora elabora uma estratégia diferenciada, contrariando orientações da direção escolar. Uma das ações consiste no desenvolvimento da auto-estima individual e grupal, pelo registro dos pensamentos dos mesmos em um diário. Demonstrando que cada um pode ter o seu lugar, desde que manifestem o desejo e persigam em busca do ideal, lutando por seus objetivos. Trata-se de um filme sobre um drama social atual, mostrando aspectos do processo de socialização, com seus agentes e mecanismos.

O filme *Escritores da Liberdade* permite que seus espectadores façam uma reflexão sobre a relação do indivíduo com a sociedade, seu processo de socialização, as limitações e suas tramas. O filme relaciona o desenrolar de fatos reais acontecidos na sociedade marcada pela exclusão, conflitos dentro de famílias, de instituições como a escola e das comunidades as quais estão inseridas.

No desenvolvimento da disciplina Sociologia Geral e da Educação, foram estudados os conceitos fundamentais da Sociologia e temas contemporâneos de Sociologia da Educação. Nas discussões realizadas sobre os temas fundamentais da Sociologia, a sociedade, o indivíduo, as relações entre a sociedade e o indivíduo, apresentaram-se outros itens para reflexões.

A partir da definição de sociedade proposta por Nilo Viana (2006, p.13) como conjunto de relações sociais existentes em determinado território e momento histórico, destacaram-se aspectos como liderança e intolerância, o tema trouxe para o debate assuntos

como a exclusão, a violência e a desigualdade sociais. No estudo sobre as relações sociais foram agregados temas contemporâneos para a reflexão, relacionados com o trabalho do pedagogo. Partiram da consideração de que na sociedade as pessoas com suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras.

Particularizando a relação indivíduo e sociedade, como uma das primeiras questões sociológicas, bem como uma das mais importantes, Viana (2006, p. 105) aponta que o processo de socialização depende das relações sociais concretas na qual o indivíduo irá viver, ressalta conceitos como responsabilidade e auto-estima. E o indivíduo, por sua vez, é apresentado como um ser singular, com uma autonomia relativa. A socialização, no conceito de Viana (2006, p. 108), é o processo no qual, por um lado, o indivíduo se torna um ser social e, por outro, se torna um indivíduo integrado em determinadas relações sociais, incluindo-se nelas as familiares.

Também pode-se discutir nas aulas sobre a discriminação social, as tradições familiares, a influência familiar, considerando a família como o fundamento básico e universal das sociedades. Segundo Eva Lakatos e Marina Marconi, trata-se de um grupo social caracterizado pela residência comum, com cooperação econômica e reprodução (2010, p. 171). Já para Anthony Guiddens a família em que a pessoa nasce também exerce uma influência relativamente duradoura ao longo da sua vida (2007, p. 115).

Deste modo, por meio deste ensaio, pretende-se relacionar alguns tópicos de assuntos estudados na disciplina Sociologia Geral e da Educação, reunidos em temas fundamentais, agentes concretos do processo de socialização e os mecanismos desse processo, com o filme *Escritores da Liberdade*. Neste sentido, foram utilizados os apontamentos feitos durante as aulas e a pesquisa bibliográfica em obras relacionadas no plano de ensino da disciplina.

O filme foi exibido aos discentes em uma aula, com os objetivos de refletir e discutir sobre temas contemporâneos da Sociologia da Educação, como família, a mídia, a violência, a sexualidade, o papel da escola, relacionando-os com a temática do vídeo e o “fazer docente” de Pedagogia. Posteriormente a exibição do filme, procederam-se aos debates e discussões, originando o texto aqui apresentado. Após o breve roteiro do filme, mostrado anteriormente e a busca por relacioná-los aos conceitos iniciais estudados na disciplina, o texto prossegue fazendo uma análise, incluindo as justificativas sobre a relação dos elementos conceituais com o filme, apontando onde são verificados, seja no roteiro ou em cenas e personagens. Os conceitos relacionados com a disciplina foram destacados em **negrito**, com o objetivo de melhorar o entendimento no contexto do texto.

OS TEMAS FUNDAMENTAIS DA SOCIOLOGIA E O FILME

Nilo Viana considera que alguns temas são fundamentais para a Sociologia e qualquer teoria da sociedade.

Além da relação indivíduo-sociedade, apresenta outros temas como sendo fundamentais na análise da sociedade moderna, incluindo a divisão social do trabalho, a ideologia e cultura em geral, os movimentos sociais, a mudança social (VIANA, 2006, p. 105).

No filme *Escritores da Liberdade* encontramos vários processos de mudanças implantados pela professora Erin Gruwell em relação aos alunos de sua sala de aula. Destacavam-se por serem muito rebeldes e com envolvimento em gangues e drogas. No intuito de acabar com as brigas frequentes, a professora formulava sua aula de acordo com o contexto que seus alunos estavam habituados a viver.

A **intolerância** foi mostrada no início da exibição do vídeo, quando ocorriam várias provocações entre os alunos, até mesmo no interior da sala de aula, que findavam em brigas e discussões. Outra exibição de intolerância acontece quase ao final, quando o marido da professora arrumou suas malas para ir embora, pois lhe cobrava atenção que julgava não estar recebendo. Pois a mesma passou a se dedicar cada vez mais aos seus alunos, chegando a trabalhar em mais dois empregos para suprir algumas necessidades de recursos didáticos que não encontrava na escola, deixando, assim, sua vida particular em último plano.

Para tentar elevar a **autoestima** do alunado, Erin Gruwell entregou para leitura o livro “O diário de Anne Frank”, escrito por uma adolescente judia, narrando parte de sua vida e a fuga com a família e esconderijo para

não morrer, na época da invasão nazista na Holanda. Com essa inspiração, solicitou aos seus alunos que cada um escrevesse sua história e sobre o que acontecia em seu dia a dia. Informou que, caso desejassem que fossem lidos, poderiam deixar os diários em um armário que seria trancado todos os dias.

Dois atos de **liderança** foram observados. Um aconteceu no momento quando todos os alunos se reuniram na arrecadação de dinheiro para levar a senhora Mieps Gies³, responsável por abrigar Anne Frank no esconderijo até a escola. Os mesmos haviam escrito cartas, endereçadas a ela. Outra questão observada é quando os alunos são surpreendidos pela notícia de que a professora não lecionaria para a turma no próximo ano. Todos queriam que a professora continuasse com eles, acompanhando a turma no terceiro ano, o que inicialmente não seria possível, pois, a mesma só tinha permissão de lecionar nos dois primeiros anos; os alunos atuaram em conjunto e deram forças para que ela buscasse e conseguisse a continuação com a turma no ano seguinte.

A educadora passou a ser fonte de admiração. Em cada aula, a união entre os alunos crescia e as diferenças mostradas no início do filme eram deixadas de lado. Erin Gruwell defendia que todos possuíam alguma coisa em comum: se envolviam em gangues, já haviam sofrido ou perdido um ou mais amigos em violência, outros tinham famílias desestruturadas ou não recebiam carinho nenhum de seus pais.

³ A página oficial sobre Mieps Gies contém mais informações sobre ela e a ajuda prestada para Anne Frank (<http://www.miepgies.nl/en/>).

Um ato de **responsabilidade** mostrado foi no momento que Eva, uma das alunas, havia presenciado um homicídio. Apesar de temer sofrer alguma violência, na hora do julgamento foi capaz de apontar o verdadeiro autor do homicídio, um membro do seu grupo, a quem deveria, pelos costumes locais e difundidos pela sua família, proteger.

No início das aulas a professora sentiu-se decepcionada, ao perceber a rejeição que recebia. Mas o amor pela profissão e pelo “pensar no outro”, fez com que se revestisse de coragem para prosseguir. Sua ideologia era de que não adiantava querer resolver os problemas de alguém nos tribunais, era preciso fazê-lo antes que chegassem lá. Por isso, desistiu de seguir sua carreira na área de Direito, para lecionar, o que acabou desagradando pai e o esposo. Seu posicionamento diante das situações que se apresentavam na sala de aula foi decisivo para o resultado alcançado. A metodologia utilizada fez com que os alunos pensassem primeiro em si próprios e automaticamente nos outros.

Infelizmente, o conteúdo desse filme é encontrado repetidamente em nossa sociedade. Como a questão familiar, por exemplo, apontada na forma como a personagem Eva é tratada desde criança, estimulada pelos seus pais a defender o seu grupo social e a lutar pelos “seus” (gíria usada pela mesma para se referir aos seus companheiros de cor e “tribo”). No grupo de Eva era aceito o fato de matar alguém em defesa de um membro, para garantir a supremacia no bairro.

Como exemplo, a **teoria do conflito** que teve origem na obra do pensador

social Karl Marx em um de seus elementos enfatiza como grupos disputam poder, em que os privilegiados tentam manter e os subordinados aumentarem suas vantagens (BRYM, 2006). É justamente isso que acontecia no filme entre as diversas gangues existentes na sala, lutas e disputas entre o grupo negro contra o branco, contra o asiático, o latino, formando assim uma relação conflituosa e ao mesmo tempo preconceituosa.

OS AGENTES CONCRETOS DO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E O FILME

Para Nilo Viana, o processo histórico da vida de um indivíduo é um processo social, e o processo de socialização depende das relações sociais concretas na qual o indivíduo irá viver, onde atuam como agentes concretos do processo de socialização todos os indivíduos que possuem relação direta ou indireta com a criança, sendo os mais importantes, aqueles mais próximos da criança (VIANA, 2006, p. 108). A família, a comunidade circundante, a vizinhança, os parentes mais próximos, os modelos socialmente valorados, os meios de comunicação, a escola e as leituras estão apontados entre esses agentes, exercendo papéis importantes na socialização.

A classe social a qual pertencia os adolescentes mostrados no filme era de baixo poder aquisitivo. Os **agentes concretos do processo de socialização**, relacionados por Viana (2006, p. 108), e que foram encontrados por eles contribuíram para que tomasse determinado caminho. Isso é verificado numa cena quando um dos perso-

nagens relata a sua história no diário entregue pela professora, em que era criança e junto ao seu irmão com um revólver na mão. Afirmou ter dito ao irmão que a partir daquele momento “estariam protegidos, ninguém iria mexer com eles”, em seguida o revólver disparou acidentalmente e tirou a vida do irmão, e ele ainda criança foi acusado pelo crime e levado para um reformatório. Isso prova que a família vivia já em uma situação complicada, sendo a mesma o agente que assume o papel mais importante na formação social da criança, como nos aponta Nilo Viana, “A família socializa a criança repassando sua cultura, seus valores, suas condições sociais de existência. Até mesmo a mentalidade dos pais, o que Fromm chama de ‘caráter’, é repassado para os filhos” (VIANA, 2006, p. 109).

O que se percebe é que aqueles alunos apenas reproduziam o que vivenciavam no seu dia a dia. Vinham de **famílias** estigmatizadas por uma classe dominante que não lhes deixavam esperanças de poder viver dignamente, pois eram frequentemente discriminados e estereotipados, faltando-lhes autoestima para um bom desempenho escolar, profissional e social. O que faltava às pessoas entenderem, naquele caso, é o que os levou a tomarem certas atitudes, se tinham suas necessidades atendidas ou não, e se estavam dispostos à mudança se fossem incentivados. Precisavam, de certa forma, que alguém os valorizasse como seres capazes e com suas identidades próprias.

O procedimento da educadora, frente à problemática encontrada na sala, inicialmente sem sucesso, foi cons-

truir uma barreira à indiferença dos alunos. Iniciou com aquilo que para eles era abstrato, fazendo-os pensar sobre suas próprias vidas e sentirem-se responsáveis pelos seus atos, mostrando-lhes que cada um poderia desenvolver-se tendo seu próprio mundo como “norte”. E não desistiu, apesar de enfrentar dificuldades com a hierarquia escolar.

Se pensarmos no modelo de **escola** que o filme mostra, cabe uma reflexão: será que se encaixa no papel de escola proposto por Viana, segundo o qual

A escola possui papel fundamental na socialização das crianças, já que ela realiza uma repressão e coerção integradora do indivíduo na sociedade através da imposição de valores, ideias e normas de comportamento (VIANA, 2006, p. 109).

A resposta será negativa, pois nas diversas vezes que aconteceu a procura dos recursos da instituição para beneficiar de alguma forma os alunos, a solicitante foi severamente reprovada. Isso significa que muitas vezes a entidade educacional acaba por reproduzir nos discentes a discriminação e a inferioridade, condenando-os à marginalização, o mesmo procedimento adotado pela sociedade em geral. O resultado apresenta um cenário mais negativo, pois como complementa Toscano

Tal sentimento de inferioridade pode conduzir à neurose ou à revolta passiva contra a sociedade (ou contra a família, a empresa, os companheiros de trabalho), mas pode também levar o indivíduo a enveredar pelo caminho do delito e do crime, a fim de obter aquilo que não conseguiu pelos canais socialmente aprovados (TOSCANO, 2008, p. 91).

Uma estratégia interessante usada pela docente foi fazê-los sentirem-se dotados de anseios, desejos e perspectivas, que eram expressos em seus sentimentos. Isto é mostrado no filme por ocasião em que perguntou a respeito de seus amigos mortos nas brigas entre gangues, mostrando-lhes que sucumbiram vítimas de uma violência que poderia ter sido evitada. Proporcionou-lhes reflexões sobre suas atitudes, ao levá-los para visitar o Museu do Holocausto, onde os jovens tiveram a oportunidade de conhecer a respeito do nazismo, que considerou com a maior gangue já existente, e seus prejuízos para a humanidade, como o extermínio e sofrimento das pessoas, apenas por interiorizarem ideologias que provocaram uma guerra.

A leitura do livro “O diário de Anne Frank” foi um incentivo a mudança, pois os alunos identificaram as suas diversas realidades na história do livro, entendendo os argumentos expostos em aulas. Os jovens encontraram no conteúdo do livro as respostas que deveriam ser dadas por suas famílias, pela escola, ou até mesmo pela própria sociedade.

A insana busca pelo poder apenas os depositaria no mesmo lugar onde estavam seus amigos; eram capazes de mudar suas concepções, de negros e brancos, pobres e ricos, poderiam ser pessoas aprovadas e respeitadas socialmente, determinadas a lutar pelos seus interesses sem violência.

Segundo Viana (2006, p. 107), a formação social do indivíduo se revela no processo de socialização que fazem parte da sua construção e depende das relações sociais concretas encontradas

pelo indivíduo na sociedade onde irá viver. O que aqueles jovens realmente necessitavam, era serem reconhecidos como pessoas oriundas de uma sociedade desprovida de conhecimentos necessários para uma vida estruturada. A partir do momento em que os estudantes conseguiram entender a realidade por eles vivenciada, a escola para os mesmos, se transformou em lugar de segurança, influenciando até mesmo no convívio familiar. Uma amostragem dessa afirmativa é a cena onde um dos personagens se encontra com a mãe e pede para voltar para a casa, renunciando ao convívio com as gangues.

Outro contexto ainda difundido na nossa cultura, é em relação a superioridade do homem para com a mulher nas relações familiares. A problemática é mostrada quando a personagem principal, na parte final do filme, é apresentada se sentindo realizada como profissional e pessoa, e vê o seu marido sair de casa, pois não suportava a ausência de sua esposa e também não queria apoiá-la nas suas decisões. Fica mais evidente quando ela diz que ele é o seu marido e que deveria ficar ao seu lado e participar de sua vida como a maioria das mulheres faz com seus maridos, obtendo como resposta que ele não pode ser “a mulher” dela, onde demonstra uma superioridade por ser homem e marido, inferiorizando o seu papel de esposa e mulher.

Nos tempos atuais, as crianças vivem por mais tempo longe dos pais, que precisam trabalhar cada vez mais para satisfazer as necessidades da família. Podemos notar que em apenas duas sequências do filme aparecem as mães de

personagens: a primeira quando uma jovem vai depor no tribunal, e a mãe aparece pressionando-a psicologicamente e a segunda quando um dos personagens pede à mãe para voltar para casa

A **comunidade circundante ou vizinhança** com sua parcela de culpa fundadas na exploração e dominação dos mesmos, essas comunidades, **parentes próximos** também servem como modelo de socialização desses indivíduos na qual onde muito cedo recebem imposições de valores ideais e normas de comportamento inseridas nas escolas.

De acordo com o processo histórico o indivíduo não é humano se não for socializado, este deve se integrar dentro desta sociedade. Dessa maneira, a sociedade, a afetividade e o trabalho são formas para mudanças e desenvolvimentos dos indivíduos e a partir dos valores e um espaço para escolarização que os cidadãos respeitam as diferenças.

No vídeo é mostrado que a família deve preparar seus filhos para viver entre diferenças. Aos espectadores, aponta a necessidade de considerar a comunidade onde se vive e os seus valores culturais e respeitar sua história. A **escola e a família** são bases para uma boa educação, por isso mesmo, deveriam desempenhar funções de profunda importância e responsabilizarem em intervir nas ocorrências de discriminação e exclusão.

OS MECANISMOS DO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E O FILME

Nilo Viana (2006) apresenta a identificação, a afeição, a comunicação,

a aprovação e a reprovação como mecanismos através dos quais é realizado o processo de socialização. No processo, a escola possui um papel fundamental, como verificado em cenas e sequências de *Escritores da Liberdade*.

Segundo este mesmo autor, a **identificação** é o processo onde a criança se identifica com outro, ou seja, passa a compartilhar com outro indivíduo os modos de ser e pensar, passa a se inspirar no outro, ao ver a similaridade entre ela e o outro (VIANA, 2006, p. 110). Como mostrado no filme, aqui em discussão, a professora Erin, ao assumir a sala de aula, com alunos problemáticos, enfrenta um grande desafio ao tentar se aproximar dos alunos, pois é vista como representante do domínio estabelecido pelos brancos nos Estados Unidos. Suas tentativas iniciais tornam-se frustrantes, e resolve então criar um projeto de leitura e escrita. O projeto é iniciado com a distribuição aos alunos do livro “O diário de Anne Frank”. E a entrega aos alunos de um caderno, em que poderiam registrar o que quisessem sobre suas vidas, à semelhança do realizado por Anne Frank. Assim, a mestra lhes forneceu um elemento real de comunicação, que permitiu aos mesmos se libertarem de seus medos, anseios, aflições e inseguranças, parecidos com os que ela tinha quando começou a dar aulas.

Outro mecanismo de socialização relacionado por Viana (2006) é a **comunicação**, a forma pela qual as crianças entram em contato com o outro indivíduo, e é caracterizada pelo intercâmbio de idéias entre as crianças. Ao ministrar as aulas, a tentativa de passar o conteúdo da forma didática-pedagógica

tradicional não obteve sucesso. A comunicação entre professora e alunos não é estabelecida, porque os alunos não a respeitavam como mestre e nem sequer prestavam atenção nas aulas. Para conseguir adentrar no mundo deles, teve que reestruturar o método, introduzindo aulas com músicas nos ritmos dos quais gostavam. Com o passar dos dias, foram se identificando, estabelecendo uma comunicação, e os alunos passaram a notar o esforço didático para não os deixarem excluídos da sociedade.

Viana (2006) também cita a **afeição** como um mecanismo do processo de socialização. Definida como uma relação afetiva, sentimental, que fica mais forte em relação à família e com aqueles que estão em um círculo mais próximo. Os vínculos podem ser prejudiciais ao desenvolvimento do indivíduo, afirma o autor, caso seja acompanhado pelo tradicionalismo, isto é, por fortes relações sociais tradicionais que excluem o círculo extrafamiliar do desenvolvimento da afetividade. No filme *Escritores da Liberdade* é mostrado que um laço de confiança que levaria à afeição foi criado com o uso do caderno no qual os alunos escreveriam sobre suas vidas, relatando fatos e acontecimentos diários. Reforçando o laço de confiança, a professora divulgou que só poderia ler o caderno quando o aluno se sentisse seguro em poder demonstrar o que lhe aconteceu. Então, ao término de um dia de aula, lê os cadernos para entender melhor o que se passa com seus alunos, e fica comovida com as histórias que lê, pelas narrações das vidas deles. A leitura a comove, e a partir daí cria uma afeição muito intensa, por desco-

brir a causa do comportamento rebelde daqueles adolescentes.

Entre os mecanismos do processo de socialização, Viana (2006, p. 110) inclui a **aprovação e a reprovação**, e os considera como dos mais poderosos. A primeira uma forma de coerção, enquanto que a segunda é de repressão. Pela coerção, o indivíduo é constrangido a fazer algo, enquanto a repressão, com um caráter negativo, impede a ação do indivíduo. Os mecanismos foram identificados no vídeo. A reprovação, quando a professora não obteve o apoio da direção escolar para que seu projeto do diário desse certo. No entanto, foi persistente e obteve êxito ao desenvolver seu trabalho, conseguindo assim alcançar os alunos, que como retrata o filme vivem em circunstâncias sociais bem difíceis. Sua atitude no final foi louvável, pois ao se aproximar dos alunos, criou laços afetivos, deu-lhes oportunidades que antes não tiveram. Depois, os diários foram transformados em um livro, que foi publicado e transformado no roteiro do filme, traduzindo o reconhecimento da aprovação social.

OS PROCESSOS SOCIAIS BÁSICOS E O FILME

Para Moema Toscano a **interação social** pode ser entendida como uma ação recíproca, caracterizada por ser consciente e causar um autoconhecimento da modificação do comportamento que implica. No âmbito das relações humanas, não se limita ao plano objetivo, percebida por sinais exteriores, mas envolve uma influência com valor e significados dependentes do tipo de

contato que ocorra entre as pessoas, que trará uma variação de um grau maior para um menor de intensidade. A interação só pode ser considerada quando puder ser percebida por sinais exteriores (TOSCANO, 2008, p. 82).

Esta mesma autora, considera que o **contato social** entre indivíduos e grupos dá-se sob múltiplas formas, constituindo estas os denominados processos sociais (TOSCANO, 2008, p. 85). Em determinado momento do filme percebe-se que alguns estudantes não têm contato social com suas famílias tampouco com amigos e vizinhança. Simplesmente impõem seus dogmas e delimitam seus espaços entre si e para a professora. É mostrado que no início não havia contato com o indivíduo que sentava ao lado do na sala de aula. O contato, quando existente, era entre os que eram pertenciam à mesma gangue. Dentro desse contexto pode-se perceber a competição inserida nas gangues, com uma sempre querendo ser melhor que as outras.

A **cooperação** é outro aspecto inserido no contexto do contato social, e que também aparece por algum momento nas cenas. Observa-se no empenho da mestra em fazer com que seus alunos turbulentos percebessem a necessidade de tolerância mútua. Houve, de certa forma, uma renúncia dela ao próprio casamento para se dedicar a seus alunos, deixou em segundo plano sua vida pessoal pelo bem comum daqueles que necessitavam. Outra forma, interessante de cooperação foi com a escrita do diário, que ajudou a todos, professora e alunos, e com a publicação passou a ser um mecanismo de cooperação com to-

dos os que leram. Por exemplo, quando Eva, uma aluna, fala do seu comportamento de defender os seus, justificando com “é meu irmão”, demonstra buscar o que interessa para o seu grupo. Não seria este o **mutirão social** de uma gangue numa visão que focaliza morrer um pelos outros, considerando-o irmão, mesmo sem ser biologicamente?

Quando é feito um trabalho dinâmico na sala de aula, colocados frente a frente, ali eles puderam notar que ao mesmo tempo em que eram diferentes na aparência, possuíam problemas praticamente iguais, sendo iguais no enfrentamento das dificuldades. Assim, da observação da reação dos mesmos, é que surgiu a proposta de leitura do livro de “O diário de Anne Frank”. Todos lêem o mesmo texto e a partir de então registram tudo que sentem vontade de escrever sobre o que acontece em sua vida. A autoconfiança é resgatada, saem da marginalidade para o campo das possibilidades, lutam pelos seus ideais, enfrentam obstáculos, sem apelo à violência. A luta passa a feita através do conhecimento, é a hora de irem em busca da coisa certa, sendo críticos, e tendo o respeito e a auto confiança resgatadas.

No filme *Escritores da Liberdade*, a professora torna a sua tarefa em um grande desafio que vai além de educar os seus alunos, mas fazê-los pensar sobre a realidade criada por eles próprios, mostrando o perigo da intolerância.

A **assimilação** é definida por Moema Toscano como o processo em virtude do qual os indivíduos ou grupos, originalmente diferentes, fundem-se em uma unidade homogênea (2008, p.

97). Assistimos, em determinado momento, os alunos assimilarem suas segregações, dogmas, com outros grupos, através da leitura dos livros. Aos poucos, iam assimilando suas histórias e angústias, frustrações com outras histórias. Baseado num conceito que todos eram iguais e tinham as mesmas dificuldades em cada uma de suas particularidades, as mudanças estavam somente no tipo de grupo onde o indivíduo se insere.

A **acomodação** é um processo que pode ocorrer inconscientemente quando falamos de plantas e animais, já nos seres humanos é um processo um pouco diferente, tornando-se um fruto da razão, da adaptação social. E sendo assim, um indivíduo que não se adapta a certas acomodações tendem a ser eliminados, isolados, pelo fato de não ser um ato irracional, como ocorre com os animais. E isso é justamente o que ocorre com Erin Grwell, que pela maneira de pensar acaba sendo vista pelos outros professores de maneira diferente. A mesma se depara em uma situação de acomodação de toda uma escola, que se diz inclusiva. Mas, a inclusão não é apenas receber ou aceitar uma situação ou aluno, mas lhe proporcionar um crescimento, uma opção, onde acrescente conhecimentos que vão melhorar suas condições de vida e lhe trazer benefícios.

Ao se deparar com uma situação de acomodação, a educadora não se submeteu ao discurso ali presente. Acreditou e trabalhou no potencial da sua turma, que era taxada como fracassada. Não deu ouvidos aos preconceitos, e propôs uma prática contra o fracasso escolar desses alunos, contando e considerando aspectos socioculturais da

turma, da escola e da sociedade, e juntamente com os alunos encontra um novo caminho a ser percorrido.

Em várias cenas encontra-se diferentes formas de **competição**, presente em vários lugares, não só no meio dos alunos por meio das gangues, mais também entre os docentes que queriam competir com a capacidade da responsável pelas aulas com a turma. Procuravam conseguir o seu abandono das ideias, buscando o seu desânimo e para isso tentavam desencorajá-la, por meio da negação do fornecimento de materiais, dizendo que tudo que era pretendido era muito lúdico e que a realidade era outra. Também negavam ajuda em seus projetos, e a coordenadora da escola levava um relatório negativo para o diretor da escola, depreciando o que era realizado. Houve também uma leve competição caseira, envolvendo o casal e o seu trabalho na escola, pois o esposo estava se sentindo abandonado.

O **conflito** é conceituado como um processo em que duas ou mais pessoas ou grupos tentam ativamente frustrar os propósitos dos outros e impedir a satisfação de seus interesses, chegando inclusive a lesar ou destruir o adversário, conforme explica Toscano (2008, p.93). Esta situação, era visível entre as gangues e seus componentes, cada um levando em conta seus interesses tanto pessoais ou do grupo, chegando a matar seu adversário. São fatos que caracterizam um **conflito aberto**, que era explícito para ambas as gangues.

Em relação ao corpo docente da escola, se percebia num primeiro momento que havia um **conflito fecha-**

do, porque era mantido a aparência de cordialidade pela coordenadora que estaria superior à professora, mas com o decorrer do seu trabalho e conforme ia atingindo suas perspectivas com a turma, esse conflito foi se tornando visível entre os demais professores. A professora vivia também uma situação de conflito em seu casamento, que foi descoberto somente quando seu marido expôs a situação de como se sentia, e então foi compartilhado com seu pai a sua situação. Com a situação, surge um conflito íntimo, pela necessidade de optar por sua vida conjugal ou pela responsabilidade que sentia com seus alunos. Os estudantes também possuíam esse conflito interno, evidenciados no contexto de decidirem suas ações, na afirmação da capacidade do “eu posso” realizar coisas positivas, deixando de se render aos seus dogmatismos grupais.

Define-se **isolamento social** como sendo a ausência de qualquer forma de contato de um indivíduo com os outros seres de sua espécie. Ainda, segundo Moema Toscano, o isolamento social deve ser visto mais como uma ausência relativa de interação, do que um estado absoluto dessa interação (TOSCANO, 2008, p. 83). No filme *Escritores da Liberdade* não havia momento em que fosse mostrado o isolamento de um todo, mas sim parcialmente, referente ao convívio com as relações socializadoras, seja com amigos, na escola, com a família. No começo da projeção, é mostrado que os alunos não visualizavam algo além dos muros da escola e suas gangues, limitando-se apenas em seus grupos étnicos. Não havia nem um tipo de contato desses alunos com os meios

interrelacionados com seu âmbito escolar. Mesmo estando enquadrados e participando de um projeto de interação social, como explicita o filme, jamais tinham ido a um hotel, nem mesmo visitado um museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do conteúdo exibido pelo filme, pode se concluir que a família ainda constitui o principal elemento de socialização, mas não necessariamente o único. A escola, a vizinhança, a instituição religiosa, os meios de comunicação, etc. possuem uma parcela de contribuição no processo de socialização. Embora, de acordo com sociólogos, o último tem substituído as famílias, e por vezes suas influências não tem sido satisfatórias.

No enredo do filme, em vários momentos são abordados conflitos entre integrantes de gangues no qual pertencem a famílias desestruturadas. Essas famílias não exercem controle nenhum para mantê-los dentro de suas regras, e onde se tornam moradores de rua, a falta de imposições de valores acaba por gerar situações conflituosas.

Os Escritores da Liberdade mostrou-nos a importância da base familiar, a socialização entre indivíduos, e que todos, mesmo achando que eram diferentes, eram iguais ao terem o mesmo gosto pela música, e pelas mesmas dificuldades que passavam nas ruas.

Retrata uma realidade, mostrando os jovens envolvidos com drogas e gangues, e que a sociedade e as escolas pouco se envolvem nas vidas particulares de seus alunos. Uma professora novata na

profissão surge e busca lutar por mudanças, acaba se envolvendo em conflitos com outros professores e diretores que não acreditavam nessas mudanças e até mesmo afetando sua vida particular. No fim ela atinge suas metas, acaba com as brigas em sua sala de aula, eleva a autoestima de seus alunos, provando que todos possuíam capacidades iguais, independentes de etnia ou de cor.

O filme mostrou que o ensino, dispondo de poucos recursos, enfrenta diversos obstáculos. Comparando as cenas do filme com o Brasil, as dificuldades são ressaltadas, adquirindo outra dimensão. Mas são óbices superáveis, se houver esforço próprio e o espírito de cooperação, como verificados na turma escolar de Long Beach. O intuito partiu da docente, depois os alunos começam a entender e reconhecer que não estão no mundo para viver por si, isolados. Mesmo com a participação em gangues, havia lutas de uns pelos outros, mas às vezes ficavam excluídos do grupo. Constata-se que a cooperação entre indivíduos torna não só o ambiente da sala de aula mais notável como também reflete na melhora da autoestima.

Existe uma relação entre todos os aspectos apresentados no filme com a disciplina de Sociologia Geral da Educação, envolvendo meios de socialização, mediadores, cultura, desigualdades, etnias, dentro de objetividade de que são aspectos fundamentais para os processos básicos de socialização na vida do ser humano, necessários ao desenvolvimento para a construção do indivíduo.

O filme *Escritores da Liberdade* ensina que a escola e os professores,

promovendo a educação, possuem um papel fundamental nesse processo de transformação da realidade social.

REFERÊNCIAS

BRYM, Robert J. et al. *Sociologia: sua Bússola para um Novo Mundo*. São Paulo: Thomson, 2006.

ESCRITORES da liberdade (*FreedomWriters, 2007*). **Direção e Roteiro** de Richard LaGravenese, **baseado no livro de** Erin Gruwell. Distribuidora Paramount Pictures. Alemanha/Estados Unidos: 2007. Colorido. Legendado. 123 min.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LAKATOS, Eva M. e MARCONI, Marina A. *Sociologia Geral*. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

TOSCANO, Moema. *Introdução à Sociologia Educacional*. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

VIANA, Nilo. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.